

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME IV



PORTO
EDITORES, LUGAN & GENELIOUX

Successores de Ernesto Chardron

1892

Todos os direitos reservados

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

LUIZ DE MAGALHÃES

SUB-DIRECTOR

ROCHA PEIXOTO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Summario

Pag.		
207.	JOÃO DE DEUS E A RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO	Theophilo Braga.
279.	A EVOLUÇÃO DAS IDÉAS NO SECULO XIX	Afonso Vargas.
314.	A LINGUA PORTUGUEZA ARCHAICA.	J. Leite de Vasconcellos.
327.	IDÉAS E FACTOS.....	J. L.
350.	REVISTA SCIENTIFICA: A iniciativa individual na Archeologia.....	Rocha Peixoto.
371.	POLITICA INTERNA.....	Jayme de Magalhães Lima.
386.	BIBLIOGRAPHIA.	

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

PARIS

AMÉDÉE PRINCE & C^{IE}

34, Rue de Provence

V^{VE} EMILE MELLIER

17, Rue Ségulier

A **Revista de Portugal** publicará brevemente

UM CONTO DE EÇA DE QUEIROZ
intitulado:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial, collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6\$000 reis	3\$200 reis	1\$700 reis

Numero avulso.	500 reis
Pelo correio.	540 »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7\$200 reis fortes	3\$800 reis fortes
(Fr. 40)	(Fr. 21,10)

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Eça de Queiroz

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol.

Theophilo Braga

As lendas christãs. 1 vol.

As modernas ideias na litteratura portugueza. 2.º vol.

Methodo de Ahn

Curso de lingua italiana, adequado ao uso dos portuguezes e dos brasileiros, pelo professor *H. Brunswick*. Segunda edição, correcta e augmentada. 1 vol.

BIBLIOGRAPHIA

PUBLICAÇÕES NACIONAES

Allucinações e illusões, por JULIO DE MATTOS. — Teixeira & Irmão, editores; S. Paulo, 1892.

Ora aqui está um livro duplamente notavel, prestante e opportuno, erudito e claro, lucido no fundo e na fórma. O dr. Julio de Mattos — já o sabem — é uma das mais evidentes individualidades medicas do paiz; desde a escola este homem creou uma assignalada reputação de espirito indagador e intelligente, certificada por um curso de triumphos, por uma publicação periodica que definiu a sua orientação philosophica, duradoura e solida, por uma these que não foi, como quasi todas, um arrego ou um decalque, por outras publicações, emfim, que progressivamente iam revelando a natureza trabalhadora e estudiosa do illustre psychiatra. Como tantos outros, o dr. Julio de Mattos não fez dos seus trabalhos base para se crear uma situação; impellido, por assim dizer, a proseguir n'um compromisso mental, a sua obra clinica e litteraria não parou, ininterruptamente avido de saber, mas d'um saber que um egoismo brutal não reserva, d'um saber que uma aspiração grosseira não utiliza. O dr. Julio de Mattos não é pois e apenas um medico illustre e um investigador incansavel: é um benemerito.

Este livro, que elle sub-intitula de *Ensaio de psychologia medica*, é o terceiro das suas ultimas publicações medicas e destina-se particularmente aos alumnos de medicina. D'um modo geral o assumpto fóra já objecto da notabilissima these com que fechára a sua carreira distincta de estudante; mas agora mais fundamentada com as acquisições ulteriores e ainda com a observação permanente e directa no internato d'um hospital de alienados.

O volume está dividido em cinco capitulos, occupando-se o primeiro de definições, differenciação das allucinações na loucura e fóra d'ella, da sua classificação, da distincção entre ellas e as illusões e da sua facil confusão, das allucinações e illusões internas, da interpretação das allucinações psychicas e ainda das allucinações unilateraes e desdobradas. O segundo capitulo é consagrado á etiologia das duas especies de phenomenos, rematando com a classificação das quatro categorias de typos psychologicos: o auditivo, o visual, o motor e o indifferente. No terceiro, faz-se uma lucida exposição das theorias pathogenicas de varios alienistas, os phenomenos que ellas explicam e a sua critica. O quarto e o quinto occupam-se, um da frequencia e valor clinico, outro — que interessa especialmente á medicina legal — das categorias que os diversos actos praticados sob a influencia determinante das allucina-

ções e illusões dão logar a estabelecer e do problema forense e artigos do Código Penal em face da doutrina psychiátrica.

Esta pallida referencia, que nem sequer é um summario, está longe, de certo, de fazer avultar devidamente a importancia d'este magnifico trabalho. Registre-se, todavia, o apparecimento d'um livro que resiste pelo seu valor intrinseco e que captiva pela fórma elegante, tão rara, em que é escripto. Como o auctor, penso eu, pensam todos que devéras se está em face d'um *livro de utilidade*, o que traduz, para todos nós, um prazer e uma fortuna.

Os combustiveis fosseis em Portugal, por ALFREDO DE MORAES CARVALHO.
— Porto, 1891.

Com este escripto vem o snr. Moraes Carvalho concorrer « com uma parcella, por insignificante que seja, para a elucidação do momentoso problema que nos preoccupa, fomentando o nosso desenvolvimento interior e indicando as relações mutuas possiveis entre as diversas industrias ». O trabalho é uma comunicação á Associação Industrial Portuense, e occupa-se, principalmente, em fazer avultar a real importancia dos carvões portuguezes. Insurge-se fundamentalmente contra a quasi geral convicção de que, no paiz, não existem materias combustiveis para uma industria florescente, prospera e seguramente remuneradora, e procura combater o erro, fazendo um inquerito das nossas riquezas carboníferas e comparando-as com as de outros paizes incontestavelmente mais pobres, mas com as explorações e lavras relativamente adiantadissimas. Antes, o snr. Moraes Carvalho passa em revista o actual estado da industria, preven-do-lhe, solidamente fundado, o seu futuro. Pelos factos que exara e pela crise, provavelmente irremediavel, que o paiz atravessa, o illustre mineiro julga mais que opportuno o ensejo de iniciar, em grande, a lavra dos nossos jazigos, e não só pela propria riqueza mas ainda pela correlação com outras explorações metallurgicas, nomeadamente a do ferro. É bastante educativa a resenha descriptiva das quatro regiões carboníferas do paiz: a que se manifesta na zona do oolithico superior e cujos afloramentos se encontram desde Pombal a Peniche, a do Cabo Mondego, a do Bussaco e a do Douro. Como sensatamente affirma o snr. Moraes Carvalho, a questão dos combustiveis portuguezes tem sido, — como afinal todas, não é verdade? — descurada entre nós, tornando devéras embaraçoso conhecer-lhes solidamente as propriedades e qualidades, as vantagens de lavra e o valor industrial, do mesmo passo absoluto e comparativo. Lamenta que as referencias feitas até hoje ao assumpto *sejam evadas de preocupação scientifica*. Ora aqui não tem o auctor grandes razões, pois que, se é certo que o inquerito puramente mineiro ainda não foi mandado levantar, com todos os meios de efficacia, pelo poder central, os trabalhos de Wenceslau de Lima e de Paul Choffat, geólogos que mais directamente têm realiado estudos nas regiões onde existem manchas e afloramentos carboníferos, precisamente pela natureza de trabalho de que foram incumbidos e do desideratum pretendido — o levantamento d'uma carta geologica — pouco ou mesmo nada têm que vér com as condições industriaes dos minerios e correlativas pesquisas para exploração extractiva e commercial. Se é aos dois distinctos naturalistas que o snr. Moraes Carvalho se reporta, erra, mas sem má vontade, queremos crê-lo. Isto, porém, é um incidente que pouco vale. O opusculo parece o resultado d'uma boa e elogiavel intenção, o que nos entristece; « não temos esperança de que o seu trabalho produza a menor influencia benefica, porque, ou se engana muito, ou o assumpto é para a maior parte da gente insipido e para alguns mera utopia ».
